

CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIAS: ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA DE IMPERATRIZ/MA¹

ANA PAULA PAZ

Licenciada em Educação Física

MARINALVA SANTANA CASTELO BRANCO

Graduanda em Serviço Social

LILIAN CASTELO BRANCO DE LIMA

Profa. Mestra em Letras

Instituto de Ensino do Sul do Maranhão/Unidade de Ensino do Sul do Maranhão
paulapaz@hotmail.com; castelomarinalva@gmail.com; li_castelo@hotmail.com

Resumo: Este estudo delineou-se pelos moldes da pesquisa qualitativa, e para análise dos dados utilizou-se o método dialético. Os sujeitos deste estudo compreendem crianças que frequentam o ensino fundamental menor, sendo três do sexo feminino e uma do sexo masculino, que respeitando o direito do anonimato, as chamamos de Rubi, Safira, Esmeralda e Apollo. Rubi e Safira apresentam deficiência intelectual (Síndrome e Down), Esmeralda e Apollo apresentam deficiências múltiplas. Nesse contexto fomos norteados pela seguinte problemática: **“Como se dá o processo de inclusão de quatro crianças que apresentam deficiência em uma escola de educação básica?”** Face à realidade encontrada e ao estudo realizado, foi possível evidenciar o efeito incontestavelmente positivo da educação inclusiva em diversos aspectos de caráter sócio-afetivos e psicomotores, além da contribuição frente à necessidade de vivermos a pluralidade em harmonia, respeitando a singularidade de cada indivíduo.

Palavras-chave: Necessidades Educacionais Especiais. Deficiências. Educação inclusiva.

1 INTRODUÇÃO

Apesar de tantos debates e trabalhos visando o respeito à diversidade, ainda nos deparamos com uma sociedade inflexível e limitada a tabus e paradigmas incoerentes diante no contexto da deficiência, assim, vale repensar, como propõe Baú e Kubo (2009, p. 17) “No amplo conceito de “deficiência”, é preciso considerar quem é “deficiente”: a criança com características relacionadas à deficiência ou a sociedade que apresenta dificuldades para entender e integrá-la apropriadamente?”.

O que nos faz questionar, quem é de fato limitado(a), se indivíduos que enfrentam e superam barreiras físicas, arquitetônicas, sociais, individuais e coletivas ou uma sociedade que não está preparada para reconhecer as potencialidades de quem não está dentro dos padrões que ela impõe. Nesse contexto, a escola tem uma função primordial no processo de inclusão, pois se espera que ela instrumentalize o indivíduo para a vida e o trabalho como é determinado pela LDB. Nesse sentido, “[...] ensinar é transformar o conhecimento produzido em comportamentos humanos significativos para a sociedade. É construir capacidade de ação das pessoas para interferirem adequadamente na realidade social” (BOOTH apud BAÛ; KUBO, 2009, p.35).

¹ Este trabalho é resultado da análise de dados a partir de um projeto de pesquisa de extensão.

A educação, portanto, deve ser uma ação de todos para todos, contudo nem sempre é isso que ocorre, porque como afirmam Baú e Kubo (2009, p. 31) “[...] o ensino e aprendizagem representam um complexo de interações comportamentais significa que ensinar e aprender são processos comportamentais que não funcionam separadamente”. Nesse contexto, daremos ênfase ao ensino-aprendizagem propiciados nas aulas de Educação Física, levando em conta que a relação que se dá entre o professor e o aluno é determinante para a ação do indivíduo frente a sua realidade e como este irá atuar em seu meio, ou seja, a vivência em sala de aula tem que ter sentido para a sua vivência fora da escola.

No caso específico de alunos com deficiência o professor deve ter conhecimento sobre cada deficiência: as especificidades, causas, consequências, aspectos que influenciem na cognição, para que dessa forma entenda o aluno e busque as alternativas metodológicas para trabalhar com as possibilidades do discente. Assim, discutiremos a seguir sobre as deficiências apresentadas por cada criança com quem tivemos contato e as possibilidades de trabalhar a aprendizagem mediada pela Educação Física, analisando a forma com que cada uma está inserida no contexto escolar.

Para a construção desses dados que apresentaremos nos foi concedida também a liberdade de entrevistar o Corpo Administrativo Pedagógico, formado pela direção da Instituição e o Corpo Docente, e também conversar com os familiares, em específico com as mães das crianças e por fim, assim como a observação e contato com as crianças, o que para nós é o ponto maior deste trabalho. Com base nos dados que nos foram apresentados pelos familiares e pelo Corpo Docente e Administrativo, além das observações, pode ser constatado que duas crianças do sexo feminino apresentam Síndrome de Down, outra também do sexo feminino apresenta um quadro de deficiência física nos membros inferiores agregada à hidrocefalia e a criança do sexo masculino apresenta uma Ataxia, que envolve a capacidade de coordenação de movimentos musculares voluntários, todos na faixa etária compreendida entre seis e dez anos.

Respeitando o critério do anonimato, chamaremos as crianças de nomes fictícios, elaborados para direcionarmos melhor as informações e para evitar confusões na leitura. Assim as meninas serão nominadas de Rubi, Esmeralda e Safira e o menino será chamado de Apolo.

1 SAFIRA E RUBI: CONVIVENDO E VENCENDO A DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

A deficiência intelectual ou atraso mental que de acordo com Fonseca (1995, p.49), “[...] não é uma doença, mas sim uma condição, que em termos humanos deve ser respeitada a todos os

níveis”. Este termo é usado quando há limitações mentais que interferem em algumas tarefas ligadas à comunicação, aprendizagem, cuidados pessoais e relacionamentos sociais. Essa deficiência pode ser acarretada por diversas causas, assim como pode se apresentar de várias formas, neste trabalho nos deteremos em abordar a Síndrome de Down, pelo fato de que duas crianças, sujeitos da pesquisa apresentarem esta síndrome. A qual pode ser definida como

[...] uma cromossomopatia, ou seja, uma síndrome cujo quadro clínico global deve ser explicado por um desequilíbrio na constituição cromossômica, no caso a presença de um cromossomo a mais no par 21, caracterizando assim uma trissomia 21. O termo trissomia refere-se à presença de um cromossomo a mais no cariótipo de uma pessoa, fazendo com que o número total de cromossomos na SD seja 47 e não 46 (VOIVODIC, 2008, p.39).

Quanto aos prováveis problemas de saúde que podem ser desenvolvidas nessas pessoas como doenças cardíacas congênitas, leucemia, defeitos nos intestinos, ainda não se manifestaram nessas crianças. Que no período de observação sempre se mostraram ativas e integradas às atividades propostas, pois como afirma Winnick (2004, p. 135) “Embora sempre haja uma certa lentidão no desenvolvimento e dificuldades de aprendizagem associadas à síndrome de Down, as conquistas e habilidades funcionais vão muito além daquilo que se considerava possível”. O que se confirmou com o que nos relatou uma das mães entrevistadas, ao nos dizer que teve muitas dificuldades para encontrar uma escola que aceitasse verdadeiramente sua filha, no sentido de proporcioná-la uma educação inclusiva e que agora na atual escola, campo de nossa pesquisa a criança havia desenvolvido consideravelmente sua aprendizagem e que estava integrada às atividades em geral. O que foi perceptível já em nossa primeira visita, ela estava de touca e maiô preparada para a aula na piscina como os demais alunos.

Quanto a Safira, a professora nos relatou que quando ela chegou à escola ela não tinha concentração nas atividades, não participava do que era proposto de forma coletiva, como também não executava as tarefas com autonomia. Logo, a professora constatou que deveria desenvolver uma metodologia específica para ela e que o acompanhamento e direcionamento para as atividades em grupo enfatizadas, hoje esta menina já desenvolveu a psicomotricidade de forma razoável, pois consegue pegar no lápis, fazer exercícios que requerem concentração e equilíbrio e já pega na mão dos colegas para as atividades em grupo, ao qual hoje ela está integrada.

3 APOLO E ESMERALDA: DEFICIÊNCIA MÚLTIPLA, MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES

Entende-se como Deficiência Múltipla o caso em que se agrega duas ou mais deficiências, podendo estas ser de ordem física, mental e/ou sensorial, tendo como consequências sérias limitações. Como nos esclarece Campbell (2009, p. 95)

Deficiência múltipla é a associação, no mesmo indivíduo, de duas ou mais deficiências de ordem física, sensorial, mental, emocional ou de comportamento social, com comprometimentos que acarretam atrasos no desenvolvimento global e na capacidade adaptativa.

Entender o espaço educacional como ambiente de integração, inclusão e desenvolvimento, no caso de Esmeralda, é indubitavelmente uma assertiva, pois essa criança ao chegar na escola apresentava um histórico bem complexo, não falava e não andava e hoje é uma criança tão ativa que por muitas vezes precisa ficar “pensando” na sala da direção. Confirmando o que Monte e Santos (2004, p. 11) constataram em seus estudos, pois “[..]. O conceito de necessidade educacional especial vem romper com essa visão reducionista de educação especial centrada no déficit, na limitação, na impossibilidade do sujeito de interagir”.

Na escola em que este estudo foi desenvolvido ela ao chegar foi respeitada em suas particularidades, contudo inserida em uma sala regular. Esmeralda, das quatro crianças é a que apresenta maior interação na escola, muito comunicativa, e de um rendimento escolar admirável. Em Esmeralda observamos uma deficiência congênita, ela apresenta mielomeningocele e hidrocefalia, que são relacionadas pelos especialistas que afirmam que na maioria dos casos de crianças que nascem com mielomeningocele também desenvolvem a hidrocefalia.

Pessoas que apresentam os mesmos problemas que Esmeralda normalmente têm comprometimento do desenvolvimento cognitivo e de comunicação, o que também ocorreu com ela, no entanto ela reagiu ao tratamento e aos estímulos e hoje apresenta um desenvolvimento sociocognitivo surpreendente. *“Ela começou a vir pra escola aos três anos de idade, no início ela não falava, nem andava, não tinha muita coordenação, mas ela foi desenvolvendo tanto na parte física, [...]e hoje ela já anda, fala, e é como uma criança como se não tivesse problema algum”* (Mãe de Esmeralda) Constatamos com isso a contribuição da escola no que se refere aos problemas de ordem física e sócio afetiva de Esmeralda, notamos aqui a grande participação da mãe nesse processo e a sua motivação em buscar alternativas para o bem-estar da filha.

Nesse contexto, levando em conta as contraindicações de atividades físicas para Esmeralda, não eram realizadas atividades de desgaste físico e nem impróprias para sua condição, ressaltando-

se que a escola mantém comunicação direta com a mãe da aluna com a qual obtém as informações e indicações médicas para a sua aprendizagem e desenvolvimento.

Buscamos nesse trabalho usar da objetividade tão exigida pela cientificidade, entretanto consideramos que iremos impregná-la da subjetividade tão comum ao olhar sensível que a educação requer, pois não poderia ser diferente ao descrevermos Apolo. Uma criança, um silêncio e nele muitos gritos, um menino de 7 anos, com um corpo físico que não acompanha o intelecto e sua vontade de andar e correr, de ser criança em todas as suas dimensões.

As crianças com múltipla deficiência geralmente apresentam dificuldade de comunicar seus pensamentos, desejos, intenções. A maior parte desses alunos não apresenta linguagem verbal, mas pode comunicar-se por gestos, olhar, movimentos corporais mínimos, sinais, objetos e símbolos. Necessitam para isso, de pessoas interativas, receptivas, que ofereçam apoio e incentivem esse processo de comunicação não-verbal. (MONTE; SANTOS, 2004, p. 24).

Fato perceptível em Apolo, o que deve ser enfatizado é que o apoio é recebido, e entendido por ele, porque tanto a professora quanto a gestora da escola ganharam sua confiança.

Apolo nasceu e viveu até os dois anos e oito meses como uma criança normal, andava, corria, brincava, falava, foi quando um dia ele passou mal, vomitou e desmaiou, daí passou alguns dias internado e quando voltou pra casa já voltou com o lado direito paralisado e daí foi só piorando, até que perdeu todos os movimentos, e não consegue mais falar nem andar. (Mãe de Apolo).

Isso decorrente de uma paralisia cerebral, que ocasionou outras lesões. Apolo hoje está com os movimentos alterados como já relatado, como ocorre com pessoas que apresentam e/ou apresentaram paralisia cerebral, que pode resultar em alterações do movimento. A lesão de Apolo é classificada como atáxica, por isso ele é a única criança na sala que precisa de cadeira especializada, para que ele se acomode melhor e para evitar acidentes. Por ele não ter coordenação nos movimentos é também quem mais necessita de acompanhamento da professora e de suas auxiliares. Que buscam integrá-lo em todas as atividades, mesmo naquelas em que precisam de movimentos, como nas brincadeiras de roda, elas pegam em seus braços e o conduzem. Fato é que nas atividades de Educação Física realizadas na escola: brincadeiras, jogos, dança, natação, ele é envolvido, mesmo que não consiga realizar a contento, pela sua falta de coordenação, pois ele apresenta “Tetraparesia: Quando os quatro membros estão igualmente comprometidos”(MONTE; SANTOS, 2004, p. 19).

Em se tratando do Apolo, ainda não há consenso quanto ao diagnóstico das causas do seu problema, assim como o que se tem sobre o seu desenvolvimento futuro sejam prognósticos, porém em seu ambiente educacional e de convivência (família/escola) nos deparamos com certezas invioláveis: ele é acolhido e há uma preocupação com seu desenvolvimento, assumindo-se uma responsabilidade de atender suas particularidades com qualidade para que haja aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esmeralda e Apolo, com deficiência múltipla, como também Rubi e Safira que apresentam Síndrome de Down, na leitura deste estudo confirmam o que é defendido acima e apontam para o entendimento de que na educação inclusiva não existe ator principal, pois são muitos os protagonistas de uma história de inclusão de sucesso.

Diante de tantos aspectos que devem ser devidamente interpretados e aplicados, foi possível de acordo com a realidade retratada constatar que o envolvimento da escola com a família é extremamente necessário e de grande valia, pois é a partir deste elo que será possível desenvolver e estruturar estratégias para adaptar e explorar as potencialidades desses educandos, e confirmamos que as aulas de Educação Física podem se apresentar como ferramenta contempladora da educação inclusiva.

REFERÊNCIAS

BAÚ, Jorgiana; KUBO, Olga Mitsue. **Educação Especial e a capacitação do professor para o ensino**. Curitiba, Jaruá Editora 2009.

CAMPEBELL, Selma Inês. **Múltiplas faces da Inclusão**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.

CIDADE, Ruth Eugênia; FREITAS, Patrícia Silvestre. **Educação Física e Inclusão: consideração para a prática pedagógica na escola**. Disponível em <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/sobama/sobamaorg/inclusao.pdf> em 22 de novembro de 2010.

FONSECA, V.; Educação Especial – **Programa de Estimulação Precoce: Uma Introdução às Idéias de Feuerstein**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MONTE, F.R. F; SANTOS, I.B. **Saberes e práticas da inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem : deficiência múltipla**. MEC, SEESP, 2004.

VOIVODIC, Maria Antonieta M.A. **Inclusão escolar de crianças com Síndrome de Down**. 5ª. ed. Petrópolis- RJ: Vozes, 2008.